

# INFORMATIVO SÃO VICENTE

PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO



# EDITORIAL

## O peregrinar vicentino, à luz da esperança

**A** cada edição do Informativo São Vicente, renovamos o desejo de alimentar em todos nós a chama da vocação vicentina. Neste número 332, colhendo os frutos dos jubileus da Igreja e da Congregação, somos convidados a olhar para a história com gratidão e para o futuro com esperança. Mas, como a vida acontece no presente, já começamos a nossa conversa com uma curiosidade sobre a peregrinação.

Se a âncora é o símbolo da esperança, a concha é do peregrinar. Utilizada pelos peregrinos do Caminho de Santiago, a concha de vieira tornou-se símbolo da jornada espiritual da peregrinação em geral, representando fé, sacrifício e busca de santidade. Segundo a lenda, o corpo do Apóstolo São Tiago chegou ao noroeste da Península Ibérica coberto por conchas, o que fortaleceu seu valor simbólico. Na Idade Média, era usada como amuleto, recipiente para comida ou água e prova da peregrinação cumprida, especialmente quando o peregrino ia até *Finisterra* e ali (no fim do mundo, até então conhecido), colhia uma concha na praia, para levar de lembrança. A concha, hoje presente em roupas, mochilas ou colares, muitas vezes marcada com uma cruz, continua identificando os peregrinos.

Assim como São Tiago aos seus, também São Vicente de Paulo nos inspira a seguir Jesus Cristo, evangelizador dos pobres, com ousadia e ternura.

Ele nos recorda que a missão não é um peso, mas um dom que nos torna peregrinos da esperança no meio de um mundo tão ferido por desigualdades, violências e crises sociais e ambientais.

Ao folhear estas páginas, encontraremos testemunhos de fé e de compromisso: a palavra que anima, a vocação que floresce, a missão que se expande, a juventude que se renova, a Igreja que se abre ao cuidado com a Casa Comum. Tudo isso é sinal de que o carisma vicentino está vivo, caminhando conosco, iluminando os nossos passos.

E nos primeiros passos do 5º Centenário da Congregação da Missão assumamos hoje a mesma paixão que inflamava São Vicente: estejamos com os pobres, caminhemos juntos, aprendamos com eles e anunciemos-lhes a Boa Nova do Reino, deixando-nos conduzir pelo Espírito Santo que faz novas todas as coisas.

Que esta edição seja para cada um de nós um sopro de esperança, um convite à oração e um impulso para o serviço. Unidos como Família Vicentina, queremos ser sinal de esperança para o mundo, com a certeza de que Cristo peregrina conosco, guiando-nos pelos caminhos do Reino.

**Boa leitura e boa missão!**

Pe. Cleber Teodósio, CM



# SUMÁRIO



Província Brasileira da  
**Congregação da Missão**

## **Palavra do Visitador | pág. 4**

*São Vicente e as Sagradas Escrituras*  
Pe. Vandeir Barbosa dos Santos, CM

## **Espaço dos Seminaristas | pág. 6**

*Encontro Nacional dos Estudantes Vicentinos*  
Carlos Diniz  
*Peregrinos, porque chamados*  
Jonatan Francisco

## **Obra em Destaque | pág. 8**

*Santuário da Medalha Milagrosa, o Gigante da Colina*  
Pe. Erik de Carvalho, CM

## **Família Vicentina | pág. 12**

*O carisma vicentino, peregrinos na esperança*  
Diác. Amauri Dias de Moura, CM

## **CM Global | Página 14**

*Conferência Latinoamericana das Províncias Vicentinas*  
Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, CM  
*Jubileu da Juventude, em Roma*  
Pe. Ramon Aurélio, CM

## **Memória da Província | pág. 18**

*AEALAC, 80 anos de fraternidade e devoção*  
Mariano Lopes

## **Partoral Vocacional | pág. 22**

*Vocação: entre as crises e a cruz*  
Pe. Allan Ferreira, CM

## **Artigo | pág. 24**

*Caminhando na direção da COP 30*  
Ir. Luiz Roberto, CM

## **Capa | pág. 28**

*Canonização do Beato Pier Giorgio Frassati*  
Da redação

## **Cultura | pág. 29**

*Dica de filme e livro*  
Da redação

## **Notícias da PBCM | pág. 30**

## **EXPEDIENTE**

ISV Nº 332

**INFORMATIVO SÃO VICENTE** é uma publicação trimestral da  
Província Brasileira da Congregação da Missão  
ISSN 2596-2132

### **Direção Provincial 2023-2027**

*Visitador: Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, CM*

*Conselheiros: Ir. Adriano Ferreira, CM*

*Pe. Emanuel Bedê, CM | Pe. Eduardo Santos, CM*

*Pe. Denilson Matias, CM*

### **Redação**

Responsável pela Comunicação da PBCM: Pe. Cleber Teodósio, CM  
*Jornalista Responsável: Sacha Leite MTB 30383/RJ*

### **Colaboraram nesta edição**

Pe. Allan Ferreira | Carlos Diniz | Pe. Ramon Aurélio |  
Pe. Luiz Roberto | Pe. Vandeir Barbosa | Pe. Erik de Carvalho  
Diác. Amauri Dias | Mariano Lopes | Jonatan Francisco

### **Revisão**

Stephany Oliveira e Cristina Vellaco

### **Impressão e acabamento**

Gráfica Printi

### **Site**

[pbcm.org.br/informativo](http://pbcm.org.br/informativo)

### **Contato da Redação**

[informativo@pbcm.org.br](mailto:informativo@pbcm.org.br)

Tel: (21) 3826-1431

### **Correspondência**

Av. Almirante Barroso, 91 sl. 914  
Centro Rio de Janeiro 20031-916

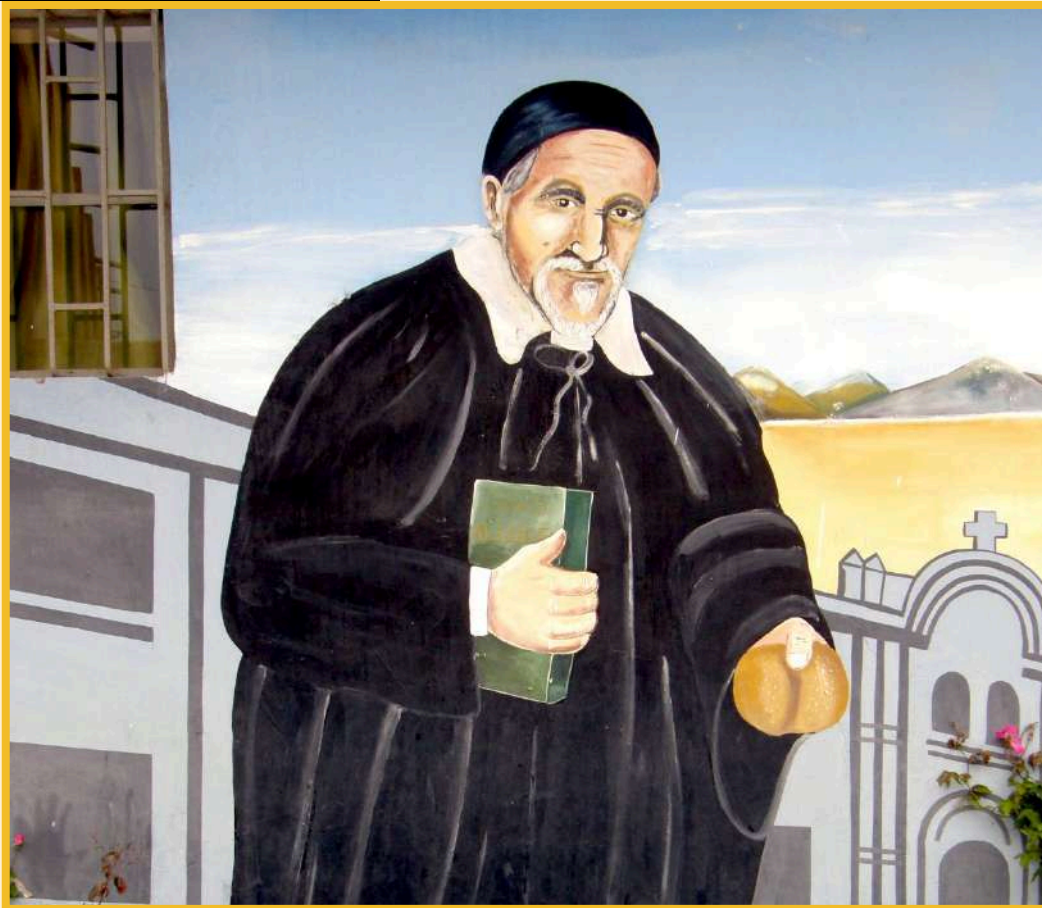
### **Tiragem desta edição**

300 exemplares

Edição Fechada 15/09/2025

\*\*\*

*As matérias e artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não expressando, necessariamente, a opinião dos editores do Informativo São Vicente. Desde já, pedimos desculpas por possíveis equívocos ou imprecisões que o bondoso leitor relevará e corrigirá.*



Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, CM

## São Vicente e as Sagradas Escrituras

*O contato diário com o Evangelho pôs o Santo em permanente estado de conversão*

**L**ouis Abelly, que conviveu com São Vicente de Paulo, vindo depois a tornar-se seu primeiro biógrafo, anota algo da relação do santo com a bíblia e seu efeito performativo, transformador sobre ele, dizendo que São Vicente sabia “retirar das passagens da Escritura a essência e a substância para sustentar e alimentar sua alma; o que fazia com que, em todas as suas ações e palavras, ele estivesse totalmente preenchido do espírito de Jesus Cristo”.

Ao longo de seu caminho, São Vicente manteve um contato assíduo e diário com as Sagradas Escrituras, que o pôs em estado de conversão, comunhão com Deus e confiança na Providência, de modo que a Palavra de Deus se tornou a alma e o corpo da espiritualidade e da ação do santo, de seus empreendimentos, iluminando e interpelando-o a ler os acontecimentos e encontros com as pessoas à luz da fé no Deus vivo.

Desejava ele, que na vida de todos pudesse transparecer a Palavra, a comunhão com Deus e com o próximo. O Evangelho, nas escolhas concretas, nas tarefas, nos projetos, no colocar-se disponível para servir motivados pelos valores do Evangelho da vida. Tendo feito a experiência da riqueza e fecundidade da Pala-

vra de Deus na sua caminhada, incentivava a todos a não passar nenhum dia sem ler ao menos um capítulo da Bíblia e discernir como colocar as verdades recolhidas em prática, fazendo a vontade de Deus.

Quando São Vicente de Paulo compreendeu que a Congregação da Missão era chamada a colaborar na formação do clero na Igreja, ele o fez apoiado na Palavra de Deus, pois ao falar do assunto usa termos bíblicos: “no princípio, a Companhia só cuidava de si mesma e dos pobres... mas, na plenitude dos tempos, Deus nos chamou a contribuir para a formação de bons padres, para dar bons pastores às paróquias e mostrar-lhes o que devem saber e praticar” (SV, XII, 86, Conf. 195, de 6.12.1658, Sobre o fim da Congregação).

O termo bíblico “no princípio” e a expressão bíblica “na plenitude dos tempos” nos faz entender que, firme na Palavra de Deus, São Vicente acolheu o ministério da formação na sua experiência pessoal e na da Comunidade missionária à luz da Palavra, como estando ligado ao desígnio eterno de Deus e surgiu através do apelo da Igreja, manifesto com o pedido do bispo de Beauvais) no “tempo da graça”, kairós divino,



condensados nos dois fins mais significativos da vida missionária de Cristo, Verbo Encarnado: a evangelização dos pobres e a formação dos evangelizadores para assegurar bons missionários capazes de continuar a sua Missão na terra.

À luz da Palavra de Deus, São Vicente pôde discernir que fora Deus quem, no seu desígnio sobre a Congregação da Missão, desde toda eternidade, concebeu o espírito e os serviços da mesma. Por isso, a pequena Companhia foi e continua a ser chamada a ser anunciadora de um Deus que tem uma boa notícia para anunciar aos pobres (cf. Lc 4, 18-19), valendo-se, em todos os tempos e lugares, dos mesmos meios, mediações, que Nosso Senhor praticou para corresponder à sua missão. Isto quer dizer que os missionários vicentinos abra-

çam o propósito de conformar-se ao Senhor em seu proceder, em suas ações, ministérios e fins, e esforçam-se por adquirir os mesmos traços, feições, modos, virtudes, sentimentos e intenções do Cristo, para se dedicar a tão sublime missão de prolongar no mundo o amor incondicional do Senhor por todos, e fazer-se próximos principalmente dos irmãos e irmãs mais pobres (cf. Mt 25, 31-46).

São Vicente fez da Palavra de Deus a substância de sua vida, lugar de encontro com Cristo, a luz de sua alma e direção de seus passos, fonte de conversão e renovação constantes, alma da sua pregação, rocha

firme sobre a qual assentar seus empreendimentos e projetos de misericórdia para com os mais necessitados. Que inspirados, configurados e movidos pela força viva da Palavra de Deus, lida ao modo de São Vicente, e pelo seu dinamismo profético, usemos com

alegria e com renovada fidelidade de levar o Evangelho da vida às periferias do mundo, às periferias existenciais do humano.

Que este Mês da Bíblia e Mês Vicentino, dedicado a São Vicente de Paulo, e a outros santos e bem-aventurados da Família Vicentina, seja um tempo propício para intensificarmos a comunhão com Deus e a comunhão com o próximo, com os irmãos e irmãs mais pobres, excluídos, abandonados, e para cultivarmos a cultura de paz, da fraternidade e reconciliação num tempo em que a cultura de morte se mostra sob múltiplas

faces (guerras, preconceitos, discursos hostis ao outro diferente, indiferença etc.), dedicando-nos mais intensamente a ler, rezar e praticar a Palavra de Deus, fonte da esperança que não decepciona. Dedicando-nos com maior intensidade a ler, rezar e viver da Palavra, a praticar a vontade de Deus a partir da Palavra, faremos também a experiência fundamental de ser “totalmente preenchidos do espírito de Jesus Cristo”, convertendo-nos em testemunhas corajosas do Evangelho. A todos e todas, e de modo muito especial à Família Vicentina, desejamos uma abençoada celebração da festa de São Vicente de Paulo, no dia 27 de setembro. ■

---

**Os missionários vicentinos abraçam o propósito de conformar-se ao Senhor em seu proceder, em suas ações, ministérios e fins, e esforçam-se por adquirir os mesmos traços, feições, modos, virtudes, sentimentos e intenções do Cristo, para se dedicar à tão sublime missão de prolongar no mundo o amor incondicional do Senhor por todos, e fazer-se próximos, principalmente dos irmãos e irmãs mais pobres.**

---



Carlos Diniz

## Encontro Nacional de Estudantes Vicentinos

Curitiba recebe a 38ª edição do ENEV

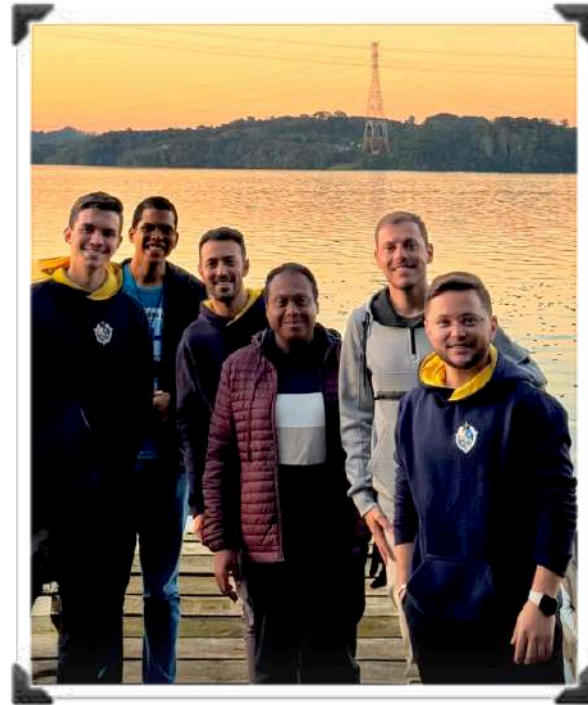
**D**urante os dias 21 a 26 de julho, na Província de Curitiba, com sede na cidade de Curitiba – PR, aconteceu a 38ª edição do Encontro Nacional dos Estudantes Vicentinos (ENEV)

Neste ano, o evento contou com a ausência da Província de Fortaleza, que justificou sua não participação por motivos formativos e missionários.

Ao longo do encontro, refletimos à luz do tema “Chamados à Esperança”. Tivemos momentos de formação com os padres José Carlos Fonsatti, CM, que nos conduziu a uma reflexão sobre o caminho sacerdotal de São Vicente de Paulo, e Gilson Cezar Camargo, CM, que nos levou a aprofundar as cinco virtudes vicentinas.

Vivenciamos também momentos de missão na Comunidade São Francisco de Assis, da Paróquia Santo Antônio de Orleans, e tivemos a oportunidade de conhecer as obras da Província do Sul, bem como sua rica cultura e história.

Rendemos graças a Deus por este tempo de graça e bênção, que Ele nos concedeu e, com amor, nos auxilia a viver unidos, em comunhão.



Estudantes da PBCM compareceram ao ENEV, em Curitiba.

Jonatan Francisco

## Peregrinos, porque chamados



A esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações

O Ano Vocacional 2025, com o tema “Peregrinos porque chamados” e o lema “A esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações” (Rm 5,5), oferece à Igreja no Brasil uma oportunidade de renovar a alegria do chamado de Deus e a consciência de que cada vocação nasce, cresce e floresce no coração da comunidade cristã.

Quando olhamos para a vida como peregrinação, compreendemos que a vocação não é um ponto de chegada imediato, mas um caminho que se constrói passo a passo. Nesse itinerário, a formação tem um papel fundamental: é o tempo de amadurecer na fé, discernir os apelos de Deus, integrar dons e fragilidades e aprender a viver com responsabilidade e entrega.

O lema escolhido nos ajuda a compreender a formação como processo sustentado pela esperança. Não se trata apenas de acumular conhecimento ou de cumprir

etapas, mas de deixar-se plasmar pelo amor de Deus, que nos impulsiona a crescer como discípulos missionários. A formação é, assim, lugar de encontro profundo com o Senhor e de compromisso com sua Igreja.

Cada etapa formativa – seja no seminário, nas casas de vida consagrada, nos encontros de preparação para o matrimônio ou nos grupos de leigos – é um caminhar juntos, em comunidade. Ninguém percorre sozinho esse itinerário. Somos sustentados por formadores, irmãos e irmãs de caminhada, e sobretudo pelo Espírito Santo, que conduz os corações.

Viver este mês vocacional significa redescobrir que a formação não é apenas preparação para uma missão futura, mas já é parte da missão. No caminho formativo, somos chamados a testemunhar, desde já, a esperança que não decepciona e a deixar transparecer o amor de Deus derramado em nossos corações. ■



Pe. Erik de Carvalho, CM

## Santuário da Medalha Milagrosa, o Gigante da Colina

*Obra gerida pelas Filhas da Caridade celebra trajetória iniciada em 1955, com exposição temática*



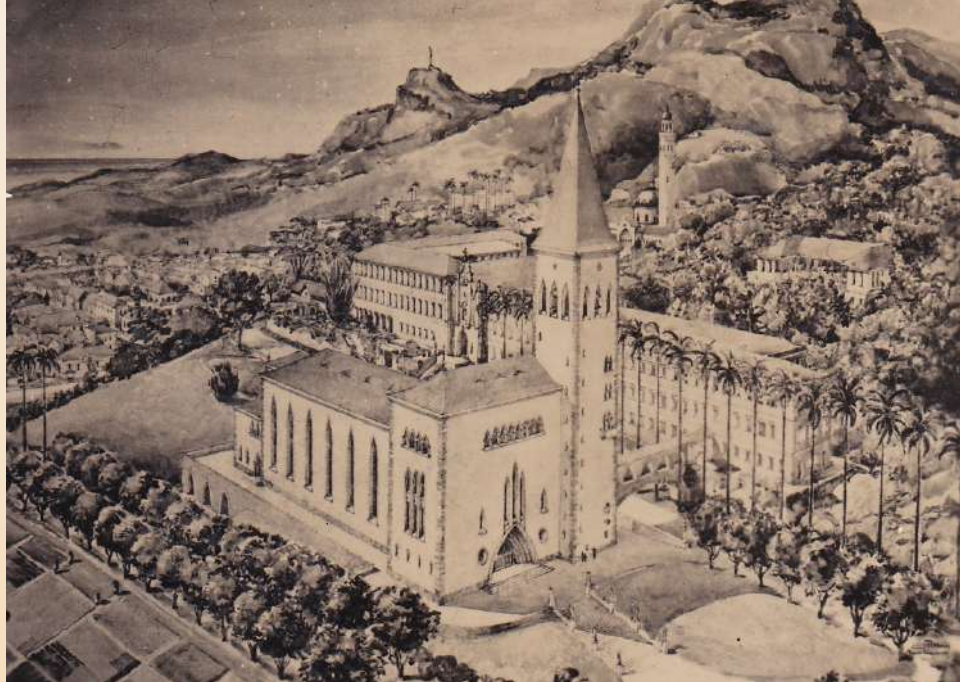
Arte do convite elaborado pela secretaria do Santuário da Medalha Milagrosa para a celebração das 7 décadas em que as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo chegaram ao local

O Rio de Janeiro é uma terra de gigantes. Entre tantas maravilhas que compõem essa cidade maravilhosa, as naturais e as arquitetônicas, está o Gigante da Colina. Imagino que você tenha pensado num time de futebol que historicamente recebe esse apelido, mas adianta-lhe tratar-se de outro gigante: o Santuário Arquidiocesano Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa, situado na Colina do Matoso, bairro da Tijuca. Um gigante, de fato. Seis anos foram necessários para ser erguido esse templo de esperança e de muitas graças, no local já frequentado pelo povo que acorria ali ao encontro com a Virgem da Medalha, em busca de graças. Mas como foi que surgiu a ideia de construir esse Santuário nesse local, 70 anos atrás?

Em 1930, em vários pontos do país, aconteceram celebrações em comemoração ao centenário das apari-

ções da Bem-Aventurada Virgem Maria à jovem irmã do Seminário das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, Catarina Labouré, como foi noticiado na época, pelo Jornal do Brasil. No complexo da Casa Provincial das Irmãs Filhas da Caridade, no Rio de Janeiro, na capela de Nossa Senhora das Graças, ainda existente nos dias atuais, foi celebrada uma solene Eucaristia com as Filhas de Maria – ramo da Família Vicentina fundado a pedido de Nossa Senhora, na primeira aparição à Catarina Labouré, hoje conhecido como Juventude Mariana Vicentina – e as Irmãs. E para marcar esse momento de grande júbilo, foi encomendado um monumento a ser erguido no ponto mais alto da Colina do Matoso.

Em 28 de Maio de 1933, Catarina Labouré foi beatificada pelo Papa Pio XI, sendo que, como parte do processo de beatificação, foi feita a exumação do corpo de



Santuário em seu projeto inicial, década de 1940.



Cerimônia de bênção do Santuário, em 1955, registro em que é possível ver as irmãs vestidas com as cornetas típicas da época.

Catarina, com a presença de representantes da Igreja, médicos e do comissário de polícia. Aberta a urna, o corpo da Filha da Caridade estava incorrupto, assim como suas vestes, 57 anos após a sua morte.

Em novembro do mesmo ano, no alto da Colina do Matoso, foi instalado o monumento em homenagem à Nossa Senhora. De origem francesa, feito em calcário polido, o monumento apresentava em sua base características do revivalismo neogótico, e, em seu topo, uma grande imagem de Nossa Senhora das Graças, inteira em branco, medindo 5,5 metros de altura e 4,5 toneladas. Destacando-se na paisagem urbana do entorno, contribuiu especialmente com a difusão da devoção mariana na região, pois a imagem podia ser vista de diversos pontos da cidade, em bairros vizinhos.

Pouco tempo depois da beatificação, em 1947, Cata

rina Labouré foi canonizada pelo Papa Pio XII, trazendo muita alegria para as Irmãs Filhas da Caridade e para toda a Família Vicentina, além de impulsionar ainda mais a devoção à Nossa Senhora das Graças e da Medalha Milagrosa. Esses acontecimentos de fé impulsionaram as peregrinações e visitas de muitos devotos à Virgem das Graças da Colina do Matoso.

Assim, tomadas de alegria pela canonização de Santa Catarina Labouré, as Irmãs decidiram pela construção de um Santuário na Colina, dedicado à Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa. A pedra fundamental foi lançada aos 26 de junho de 1849, com a presença do Arcebispo do Rio de Janeiro à época, Dom Jaime Câmara.

As celebrações em honra à Nossa Senhora das Graças ficaram cada vez mais concorridas, o que alavancou ainda mais a construção do Santuário. Gigante como o



Conselho Provincial



Registro da elevação da imagem ao alto da torre do Santuário, em 1981, e celebração ocorrida em seguida.

número dos devotos da Virgem e simples nos ornamentos – marca essencial do Carisma Vicentino – possui uma área total de 1.387,58m<sup>2</sup>. Belo e singelo, como casa de mãe, Nossa Mãe, que nos acolhe de braços abertos e envia sobre todos os devotos abundantes graças.

No dia 18 de julho de 1955, data em que a Igreja celebra a primeira aparição de Nossa Senhora a Santa Catarina Labouré e em que se realizava, no Rio de Janeiro, o 37º Congresso Eucarístico Internacional, o Santuário foi finalmente abençoado e o altar foi sagrado em uma solene Celebração Eucarística presidida por Dom José Lázaro Neves, CM, então bispo coadjutor de Assis-SP, com a presença da Irmã Visitadora Marie Antoinette Blanchot e de várias irmãs Filhas da Caridade. Essa celebração contou ainda com a presença de outros bispos, padres, seminaristas e irmãs de outras congregações e todo o povo de Deus. Nesse dia, os operários fizeram um desfile empunhando seus instrumentos de trabalho e colocando-os aos pés do altar, onde foram abençoados.

Na década de 1970, o monumento erguido em homenagem ao centenário das aparições precisou ser implodido para abrigar a nova sede do Hospital São Vicente de Paulo, pois foi inviável realocá-lo. A imagem e as

outras esculturas menores foram retiradas. A retirada da imagem de Nossa Senhora das Graças deixou um vazio na paisagem e também no coração dos fiéis que não mais podiam olhar para ela sempre que quisessem pois ela estaria ali, no alto da colina. Assim, a comunidade local solicitou que a imagem fosse reintegrada à paisagem.

Diante dessa solicitação, a equipe de engenharia encontrou uma solução: colocar a imagem no alto da torre do Santuário. Contudo, acabou ficando sem a cúpula em estilo neogótico, como originalmente desenhada. Então, em maio de 1981, na festa da Visitação e com grande presença da comunidade, a imagem — que permanecera no monumento no alto da colina — foi erguida e colocada no topo da torre ainda inacabada, que desde então se tornou o seu pedestal de 60 metros, favorecendo a visibilidade e a experiência de fé de ser alcançada pelas bênçãos da Virgem Maria. Após a elevação da imagem para o alto da torre foi celebrada solenemente a Visitação de Nossa Senhora, na data escolhida para o evento.

A partir da década de 1980, o Santuário foi recebendo os acabamentos ao longo dos anos, mas sem nenhuma alteração grandiosa, a não ser a beleza que foi chegando ao seu auge, quando totalmente terminado. Em



Fotos: Acervo Santuário

Foi construída uma escadaria para acesso ao monumento. Rio de Janeiro - RJ, década de 1930.



Área da fachada posterior do Santuário da Medalha Milagrosa, Rio de Janeiro - RJ, ano 2023.

2003, foi tombado pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, integrando o Sítio Histórico e Paisagístico Urbano das Filhas da Caridade. Em 2015, foi feita uma obra de reforma no prédio e restauro na coroa da imagem principal.

10 anos depois, em vista das comemorações dos 70 anos de fundação do Santuário, ele foi totalmente reformado e teve todas as imagens restauradas. Desta vez, por ocasião do Jubileu Ordinário da Igreja e em atenção ao cuidado pastoral com a comunidade que frequenta regularmente o Santuário, ele permaneceu aberto durante as obras, sempre com as devidas precauções para não expor os fiéis a qualquer risco. Após as reformas, na Solenidade da Ascensão do Senhor deste ano, foi realizada a bênção do presbitério e de toda a nave da igreja.

Por fim, o que torna esse Santuário um autêntico Gigante da Colina é o fato de ser o lugar onde inúmeros fiéis se encontram com o seu Deus, expressam sua fé e sua devoção à Virgem da Medalha Milagrosa, recebem graças e são verdadeiramente amparados nos braços sempre abertos de Nossa Mãe na fé.

É gigante porque contém toda expressão de cuidado das Irmãs Filhas da Caridade que, além de proprietárias, são verdadeiramente devotas de Nossa Senhora e vocacionalmente preparadas para acolher os fiéis que aqui vêm.

É gigante porque, desde a sua fundação, os padres da Congregação da Missão realizam um trabalho de evangelização e condução da vida pastoral em comunhão com as irmãs.

É gigante porque tantos quantos aqui vêm, têm suas vidas clareadas, purificadas pela água que jorra deste templo para o Rio de Janeiro, para o Brasil, para o Mundo todo.

Gigante pela Graça de Deus que, por meio da Bem-Aventurada Virgem Maria, chega em todos os seus filhos. Viva o Gigante da Colina! ■



Diác. Amauri Dias de Moura

## O carisma vicentino, peregrinos na Esperança

Durante o Ano Santo da Igreja, indagamos se ainda somos verdadeiros portadores da esperança

**A**o meditar sobre o Ano Jubilar de 2025 da Encarnação do Verbo de Deus e 1700 anos da declaração do dogma da Divindade de Jesus de Nazaré, o Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem e vice-versa, nos colocamos a questão: o carisma vicentino ainda é ou deveria ser portador de esperança em nossos tempos?

Nesta reflexão busquei duas importantes definições para a palavra Peregrinos e Esperança. Uma primeira ideia a ver: Peregrinos é aquele/a ou aqueles/as, alguém que faz peregrinação, um caminho. Seja caminho físico e ou espiritual ou interior. Passagem pela estrada ou estradas. Como diz o ditado popular, ninguém está nesta vida de passagem, mas tem uma missão, algo a fazer nesta vida.

Não somos desta pátria aqui, desta vida, deste mundo, como lugar de pecado, de pobreza intencional, maldade proposital, como Jesus mesmo assevera diante de Pilatos em seu julgamento “o meu Reino não é deste mundo” (Jo 18, 36-38), assim para nós vicentinos, o mundo que buscamos, pelo qual trabalhamos, nas pegadas de Jesus de Nazaré, na escola de Vicente, é de fraternidade, de igualdade, de equidade, de unidade na Diversidade, de cuidado com a vida, toda forma de vida, todas as vidas.

### E Esperança, o que é Esperança?

Segundo o Dicionário Oxford, na internet: Sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja; confiança em coisa boa; fé. Indica ainda significado no âmbito da religião, ao definir “A segunda das três virtudes teológicas, ao lado da fé e da caridade, representada por uma âncora.” Considerando o tema deste texto, proponho o caminho abaixo de reflexão para nos iluminar:

### Diferença entre espera e esperança

A principal diferença entre "esperar" e "esperança" reside no grau de ação e envolvimento pessoal. Esperar é simplesmente ter a expectativa de que algo aconteça, enquanto esperar (verbo derivado de esperança) implica uma atitude ativa, envolvendo ações e esforços para que algo desejado se concretize.

Como ensina a música: “Vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora e não espera acontecer” (Música Pra não dizer que não falei das flores, Geraldo Vandré).

### Esperança na Bíblia

Fé sem obra é morta e a caridade não se manifesta como fruto da esperança. Na Bíblia, a esperança é entendida como a confiança em Deus e em suas promessas, o abandono na Divina Providência que nos cria, nos salva e nos santifica. Esse abandono à Divina Providência, como Esperança em Deus, é central no carisma vicentino.

Para nosso carisma vicentino, a Bíblia nos aponta vários sentidos e razões para ter e ser esperança, por exemplo, ao servir o Cristo sofrente nos pobres “Mas os pobres nunca serão esquecidos, nem se frustrará a esperança dos necessitados” (Sl 9, 18). Por isso, recorda-nos o lema deste Ano Jubilar “a esperança não decepciona” (Rm 5, 5).

### Modelo e paradigma de peregrinos da Esperança: Jesus

Os textos bíblicos, em especial os Santos Evangelhos, narram que Jesus de Nazaré é por excelência o peregrino da Esperança, que verbo encarnado, assume todas as realidades humanas, para as redimir pela misericórdia que

revigora a esperança e vislumbra o Reino. Os relatos das parábolas como a do Pai Misericordioso e a do Bom Samaritano, dentre outras apontam quais caminhos devemos seguir como discípulos de Jesus, que espalham mundo afora, como seus missionários, a Esperança.

Ser peregrinos de/da Esperança, não é fácil, pois a peregrinação passa sempre e irremunciavelmente, pelo caminho da cruz, imitando o Nazareno, fiel ao projeto do Reino de Jesus, contra toda a desesperança. Daí, com certeza, a peregrinação tem seus cansaços, seu percalços, suas dores, tristezas, contradições, incompreensões, perseguições, prisões, torturas e não raro, a morte. Mas desafiante, essa peregrinação é incomparavelmente gratificante e dá prêmio único ao final do bom combate.

### Esperançar de Paulo Freire (em Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido)

"É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo..."

### Reesperançar do Papa Francisco

"Esperança é um dom de Deus e uma tarefa para os cristãos. E viver a esperança requer um 'misticismo de olhos abertos', saber notar, em toda parte, atestados/sinais de esperança, o agir do possível no impossível, a graça onde poderia parecer que o pecado tenha corroído toda a confiança". "A esperança é uma luz na noite". Insiste o Papa com as Juventudes "Não deixeis que vos roubem a Esperança!" E encorajava nossa Família Vicentina a ser "um sopro de esperança para um mundo sufocado".

### A esperança no carisma vicentino

São Vicente de Paulo e a esperança estão intrinsecamente ligados, pois sua vida e obra são um testemunho da fé que se traduz em ação concreta em favor dos mais necessitados. Ele viu na caridade organizada, uma forma de esperança, não apenas para os pobres, mas também para aqueles que se dedicam a servir. Por isso deixou essa lição: "É maravilhoso fazer conhecer a Deus, anunciar Jesus Cristo aos Pobres, dizer-Lhes que está próximo o Reino



Participantes do 2º Avivamento Vicentino da paróquia Pai Misericordioso, realizado em agosto de 2025.

de Deus e que este Reino é para Eles". Insistia Vicente: "Quanto mais confiamos em Deus, tanto mais progredimos no seu amor".

Ser sinais desta Esperança geradora de "vida e vida em abundância" (Jo 10,10), é o que nos irmana em Jesus de Nazaré e nos compromete com Ele e seu Evangelho do amor concreto, como discerniu e propôs, Vicente a 400 anos e assim seguiram ele, Luísa de Marilac, Frederico Ozanan, cada Santo/Santa, beato/a da Família Vicentina e hoje pelejando nós, deve nos interpelar, nos inspirar e nos impulsionar.

Atualizando os sinais da Esperança em nosso carisma Vicentino, devemos nos perguntar: estamos enquanto peregrinos nesta vida, semeando esperança por palavras e mais ainda por obras, por onde passamos e vivemos nosso carisma, nos ramos de nossa família? Como estudante do carisma vicentino e como diácono permanente de inspiração vicentina, como passar da teoria para a prática do amor vicentino? Como a JMV é ou pode ser mais ainda sinal de esperança para as Juventudes, dentro e fora da Igreja? Como a AMM pode desde a propagação da devoção à Nossa Senhora das Graças e sua Medalha Milagrosa, levar esperança às pessoas? Como a SSVP pode semear esperança para além das visitas e distribuição de cestas aos pobres? Como a CM e as FC e outras congregações vicentinas, podem como vida consagrada, desde a vida comunitária e de congregação, testemunhar esperança aos seus religiosos, à Igreja e à sociedade, também nas obras e paróquias? E o MISEVI, como suscitar esperanças no dia a dia cotidiano dos grupos de base e nas Santas Missões Populares Vicentinas?

Como podemos cada um e cada uma, no ser e fazer específico de seu ramo e como Família Vicentina, deixar a sementinha do Evangelho da Alegria, que frutifica em Esperança? ■



Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, CM

## Conferência Latinoamericana das Províncias Vicentinas

A importância da CLAPVI no limiar do 5º século da Congregação da Missão

No limiar do V século de existência da Congregação da Missão (CM), mais do que preservar sua rica trajetória, a CLAPVI (Conferência Latinoamericana das Províncias Vicentinas) se vê interpelada a revitalizar-se, assumindo com lucidez e esperança sua missão de serviço e colaboração na animação missionária vicentina junto às províncias, guiando-se por alguns eixos prioritários, que apontaremos, após situarmos minimamente a trajetória desta Conferência.

A CLAPVI surgiu em setembro de 1971, em Santandercito, Colômbia, a partir da iniciativa do Pe. Luis Antônio Mojica, Visitador da Colômbia, com apoio do Pe. Luis Vela, da Venezuela, e em sintonia com o Governo Geral. Todavia, o Pe. Luís Vela conta que houve uma “pré-história” da CLAPVI, a Reunião de Caracas, na Venezuela, entre os dias 2 e 8 de agosto de 1971. Segundo ele, unindo o surgimento da CLAPVI a esta Reunião, percebe-se que na origem da CLAPVI estava o desejo de se reunir e se tornar mais próximos, como irmãos no mesmo ideal e enquanto Províncias, para somar forças no comprometimento vicentino nos vastos territórios da América Latina.

Desde sua fundação, a Conferência reuniu, aos poucos, representantes de várias províncias vicentinas da América Latina e Caribe, com o objetivo de fortalecer a colaboração continental entre as províncias e promover juntos a formação permanente dos missionários. No decorrer da caminhada o contato com os “ramos da Família Vicentina” – assim chamados hoje – foi acontecendo e crescendo, o que levou à necessidade de fortalecer e promover a colaboração com a Família Vicentina, sobretudo na década de 1990, e de modo mais intenso a partir do segundo milênio.

O nascimento da CLAPVI está vinculado à caminhada da Igreja, isto é, ao Concílio Vaticano II (1962-1965) e à sua recepção no contexto da América Latina na Conferência de Medellín (1968) – prioriza a “opção preferencial pelos pobres”, valoriza as culturas locais, promove as ‘comunidades eclesiais de base’, animando uma Igreja mais encarnada na realidade do Povo -, e à imediata reação que tudo isto gerou na Congregação da Missão.

A história da CLAPVI pode ser dividida em três grandes etapas. “Fundação” (1971–1980): Fase de estruturação, com foco na identidade vicentina latino-americana, renovação das obras e cooperação interprovincial. Surgiram os primeiros cursos de formação e o boletim CLAPVI, que logo se tornou uma revista de referência; “consolidação” (1980–1995): A partir da Assembleia de Roma em 1980, a CLAPVI passou a realizar encontros mais curtos e dinâmicos, com maior participação de alguns ramos da Família Vicentina. A revista se fortaleceu como espaço de memória e reflexão; “maturidade” (desde 1999): A CLAPVI ampliou sua atuação com cursos de formação de formadores em diferentes regiões e maior integração com a Família Vicentina, bem como promovendo forte colaboração interprovincial, sobretudo nas áreas da formação de formadores/pastoral vocacional (Seminários Internos Interprovinciais, etc.) e das Missões Populares Vicentinas. A revista continuou sendo um canal vital de comunicação e partilha.

Na Assembleia da CLAPVI em Paris (25-26 de abril de 2025), à luz do documento final da Assembleia Geral da Congregação da Missão (julho de 2022) e dos “Onze Pontos” trazidos pelo Superior Geral, bem como a partir da avaliação da caminhada das províncias e das reflexões



dos participantes desta Assembleia da CLAPVI, discerniu-se alguns eixos prioritários a serem trabalhados a fim de revitalizar a própria dinâmica da CLAPVI e colaborar na revitalização da identidade da Congregação da Missão: a formação e a cultura vocacional; a evangelização; os meios de comunicação; e a espiritualidade vicentina.

### **A formação e a cultura vocacional**

- A. A formação vicentina integral e a sólida cultura vocacional são a chave-mestra para assegurar a vitalidade, a fidelidade e a renovação da Pequena Companhia na evangelização dos pobres, na sua colaboração na formação do clero, e somar forças para a construção de um mundo melhor para todos, e atento no cuidado com a Casa-Comum.
- B. A evangelização dos pobres – e ser evangelizados por eles – é o coração da Congregação da Missão na sua proximidade com as pessoas em situações de pobreza e atenta às periferias existenciais das nossas realidades latino-americanas e caribenhas. Constatam-se que a revitalização das Missões Vicentinas nas periferias é vital para isto.
- C. Os meios de comunicação possibilitam um serviço à comunhão, a propagação da cultura de paz e compartilhamento da missão e serviços vicentinos. Quando acolhidos com discernimento e consciência crítica, ajudam-nos a integrar linguagens e meios atuais para a evangelização, a viabilizar formação permanente e a

propagar o carisma vicentino com criatividade e proximidade.

D.A espiritualidade vicentina é a alma de nossa vocação missionária: é de suma importância aprofundar e difundir a espiritualidade vicentina, centrada no seguimento comunitário do Cristo Evangelizador dos pobres, vivida no compromisso fiel nos quatro votos de consagração vicentina (estabilidade, castidade, pobreza e obediência) e no chamado a ser missionários que levam um estilo de vida simples, humilde, manso, mortificado e zeloso.

Hoje, a CLAPVI segue como um espaço de comunhão, formação e reflexão, colaboração e fortalecimento da fraternidade e animação missionária entre as províncias vicentinas da América Latina e Caribe, ajudando a manter viva a chama do carisma de São Vicente de Paulo no continente, em unidade com o Governo Geral da Congregação. A CLAPVI procura ser um serviço de animação, comunhão e reflexão que ajuda a potencializar a colaboração missionária entre as Províncias, para responder juntos aos desafios de nosso continente. Não podemos perder de vista que na caminhada vicentina hoje, é imprescindível e salutar promover a colaboração e integração enquanto Família Vicentina em vista de um serviço mais eficaz aos pobres e com estes. Esta Conferência, com sua trajetória de comunhão, serviço, animação e reflexão tem imenso potencial para ser farol de esperança transformadora e colaborar na renovação missionária no continente no limiar do quinto século de existência da Congregação da Missão. ■

Pe. Ramon Aurélio

## Jubileu da Juventude, em Roma

Um relato do Jubileu dos jovens 2025 e 3º Encontro Internacional de Jovens da SSVV



So b o sinal da esperança, inspirado no apóstolo Paulo, o saudoso Papa Francisco, por meio da Bula *Spes non confundit*, em 9 de maio de 2024, proclamou o Grande Jubileu do Ano 2025, que ocorrerá entre os dias 25 de dezembro de 2024 e 6 de janeiro de 2026. O Jubileu (do hebraico *yōbēl*, “da cabra”, aludindo ao som do chifre de cabra que anunciava a festa) era um ano santo entre os hebreus, marcado pela libertação e pela restituição da terra, conforme a Lei de Moisés, lembrando que a terra pertence unicamente a Deus.

Na tradição cristã, o primeiro Jubileu ocorreu no ano 1300, proclamado por Bonifácio VIII, com periodicidade inicial de 100 anos. Após pedido dos romanos ao Papa Clemente VI (1342), esse intervalo foi reduzido para 50 anos. Em 1425, o Papa Martinho V proclamou um novo Jubileu e, pela primeira vez, abriu a Porta Santa na Basílica de São João de Latrão. Desde então, por determinação do Papa Paulo II em 1475, o Jubileu passou a ser celebrado a cada 25 anos. Os Jubileus ordinários seguem esse ritmo até hoje.

O Jubileu é um Ano Santo caracterizado pela esperança que não conhece ocaso. Durante esse período, todos os fiéis que desejarem poderão peregrinar até a Porta Santa da Basílica de São Pedro, no Vaticano. Os jovens puderam então, peregrinar as portas santas durante o jubileu. Neste espírito, somos convidados a nos deixarmos atrair pela esperança, entrando pela porta santa e permitindo que ela se torne símbolo de fé e confiança para nós. Que nossa vida possa dizer ao mundo: “Confia no Senhor! Sê forte e corajoso, e confia no Senhor” (Salmo 27,14) — Papa Francisco.

Somos todos peregrinos da esperança, caminhando com Cristo. No percurso rumo ao Jubileu, damos atenção especial aos jovens, que participaram de um encontro que foi mais do que religioso: foi um encontro com Jesus e uma profunda experiência de fé. Tornou-se evidente a necessidade de novas respostas para os desafios contemporâneos, especialmente aqueles que tocam o coração da juventude. Essa vivência reforça, em nós — jovens religiosos e movimentos juvenis — a convicção de que a juventude, quando movida por uma espiritualidade enraizada

nos valores do Reino, é capaz de transformar realidades e construir caminhos de paz.

O Jubileu dos Jovens não é apenas uma viagem ou passeio à Cidade Eterna. Trata-se de uma experiência profunda de fé, onde moças e rapazes, vindos de todos os cantos do mundo, buscam enraizar-se em Cristo, trilhando os caminhos daqueles que os precederam na fé. Essa peregrinação representa uma resposta concreta ao chamado de seguir os passos do apóstolo Pedro e retornar às próprias comunidades com renovado ardor missionário.

O Papa Leão XIV, ao concluir sua homilia na Missa do Jubileu dos Jovens, celebrada em Tor Vergata, Roma, no domingo, 3 de agosto, diante de um milhão de jovens peregrinos, dirigiu-se aos presentes — jovens, padres, bispos, religiosos e religiosas — com as seguintes palavras:





Vaticano informou que compareceram mais de 1 milhão de jovens no Jubileu

*“Nos últimos dias, vivestes muitas experiências bonitas. Encontros jovens da vossa idade, de diferentes culturas e partes do mundo. Trocastes conhecimentos, partilhastes expectativas, dialogastes com a cidade por meio da arte, da música, da tecnologia e do esporte. No Circo Máximo, ao se aproximarem do Sacramento da Penitência, receberam o perdão de Deus e pediram a Sua ajuda para uma vida boa. Em tudo isso, encontram uma resposta importante: a plenitude da nossa existência não depende do que acumulamos ou possuímos, como ouvimos no Evangelho (cf. Lc 12,13-21).”*

O Jubileu dos Jovens, semelhante à Jornada Mundial da Juventude, foi carregado de significados, sentimentos, fé e intercâmbio cultural. Para muitos, o ponto alto do encontro foi a vigília de oração em Tor Vergata, que se tornou um marco espiritual conclusivo da jornada (de 8 de julho a 3 de agosto), encerrada com a Santa Missa presidida pelo Papa Leão XIV. Em sua homilia, o Papa convocou a juventude a ser: *“Sinal de um mundo diferente, construído com diálogo, justiça e compaixão.”*

Destacou-se também, durante o Jubileu, o 3º Encontro Internacional de Jovens da Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP), realizado nos dias 28, 29 e 30 de julho, em Roma, com o tema: *“Fé que inspira, amor que transforma.”* Cerca de 100 jovens líderes vicentinos, de diversos países, participaram do encontro. Foi possível perceber a riqueza da diversidade juvenil. É belo e esperançoso ver como a juventude vicentina continua a envolver-se com a

caridade, inspirada por seu principal fundador, Frederico Ozanam. O evento foi marcado por momentos intensos de formação, partilhas, experiências culturais e espiritualidade vicentina. Como destacou a organização: *“o principal objetivo do encontro foi fortalecer a liderança jovem dentro do movimento vicentino, nivelar conhecimentos, incentivar o compromisso com a missão e, acima de tudo, motivar os jovens a perseverarem em sua caminhada de fé e serviço — que, para muitos, não é isenta de desafios.”*

Assim, a vivência de um Jubileu como este desperta vocações e amplia a consciência crítica dos jovens diante dos desafios globais, como as crises ambientais, as guerras e as novas formas de pobreza. A partir desse Jubileu, somos chamados a unir espiritualidade e ação — a sermos, como dizia o padre Getúlio Mota Grossi ao falar de São Vicente de Paulo, místicos na ação. O desafio é buscar soluções criativas, juvenis, sustentáveis e caritativas para os problemas do mundo.

Frente a esses desafios, é necessária coragem de nós, padres e irmãos, para ajudar os jovens a questionar estruturas injustas e a desenvolver pensamento crítico, propondo novos caminhos. A cada jovem que encontramos — vocacionado ou não, vicentino, paroquiano, aluno, amigo ou desconhecido — é preciso reconhecer o valor das juventudes e o chamado de cada um a ser protagonista da história e construtor de um futuro mais humano, fraterno e caridoso. ■



Pe. Sebastião Carvalho, CM, em oração pela Associação de Ex-Alunos e Amigos do Caraça

Mariano Lopes

## AEALAC, 80 anos de fraternidade e devoção

Pe. Sebastião Carvalho, CM, celebrou missa em ação de graças à importante Associação

As comemorações desses 80 anos de devoção à causa caracense e da perenidade dos laços de uma amizade construída sob o olhar materno da Senhora Mãe dos Homens, nos espaços aconchegantes do Caraça, iniciaram-se no último dia 19 de julho, em Belo Horizonte.

Algumas dezenas de ex-alunos e amigos do Caraça reuniram-se para uma celebração eucarística, em ação de graças pelo dom da vida de cada um, pela persistência do ideal pioneiro da AEALAC e por seus inspiradores, o Caraça, com 250 anos de história e a Congregação da Missão, com 400 anos de atividade missionária.

Após o banquete eucarístico, seguiu-se o banquete da confraternização dos sonhos, das histórias, da memória e da alegria de ser caracense.

As comemorações prosseguirão durante todo o ano jubilar, com ênfase na Caravana Anual ao Caraça nos dias 11 e 12 de outubro, por ocasião da festa da padroeira, Nossa Senhora Mãe dos Homens, e memória da eleição e posse da primeira diretoria da Associação.

Celebrando os 80 anos de fundação da AEALAC, a atual diretoria se empenha em tornar redivivo o ideal dos fundadores de um meio agradável de convivência de ex-alunos do Caraça e, mais do que nunca, atrair ex-alunos das atuais casas de formação dos Lazaristas e amigos do Caraça, buscando novos objetivos, à luz da história atual do Caraça e da espiritualidade de São Vicente de Paulo.

No entanto, é impossível celebrar os 80 anos da Associação dos Ex-alunos dos Lazaristas e Amigos do Caraça - AEALAC sem evocar os momentos históricos de sua fundação e a magnanimidade do espírito de seus fundadores.

O Padre Pedro Sarneel, imortal autor do “Guia Sentimental do Caraça”, registrou: “Como nasce a saudade, assim nasceu a AEALAC. Amor e ausência são os pais da saudade.” Saudade da Senhora Mãe dos Homens. Saudade do Caraça, com toda a sua mística. Saudade dos Mestres. Saudade de uma infância e adolescência diferentes.



Em 1945, padres do Caraça e seminaristas de Petrópolis, então em férias; alguns apostólicos e ex-alunos fundadores da AEALAC.

### Força-tarefa no pós-Segunda Guerra Mundial

A festa de São Vicente de Paulo, no dia 19 de julho de 1945, no Caraça, foi especial. Um grupo de ex-alunos do Caraça, quais aves que voltam ao ninho antigo, lá estavam e perceberam as necessidades materiais por que passava a Comunidade, nos momentos obscuros da vida nacional e internacional no período imediato ao término da Segunda Grande Guerra Mundial.

O carinho, a gratidão e a devoção ao Caraça, a generosidade e o espírito cristão de solidariedade transformaram-se em ousadia e desafio, levando aqueles ex-alunos e amigos do Caraça a propor ao Padre Superior Provincial, também presente no Caraça, a união de forças para buscar recursos que ajudassem o Caraça naquele momento crítico e em situações futuras. Estava nascendo a AEALAC – Associação dos Ex-alunos dos Lazaristas e Amigos do Caraça.

Com a anuência do Padre Superior Provincial, organizou-se uma primeira reunião, no dia 20 de julho, ainda no Caraça, cujos primeiros apontamentos assim foram registrados: “Ata da sessão deliberativa inicial da Associ-

ação dos ex-alunos dos Lazaristas e amigos do Caraça. Aos 20 de julho de 1945, reuniram-se os abaixo-assinados, às 13h30, na sala de recreio dos Professores, a fim de esclarecer e concretizar os desejos, ainda obscuros, de todos, a respeito de uma sociedade de amigos da obra de São Vicente, na serra do Caraça. Foi aberta a sessão pelo Revm<sup>o</sup>. Sr. Pe. Francisco Godinho, Visitador da Província Brasileira da Congregação da Missão. Com rápidas palavras, salientou-se o objetivo que ali nos reunia. Tratava-se de pôr o marco inicial do trabalho futuro. Dever-se-ia estudar a finalidade da nova corporação, os seus meios, tanto espirituais como materiais, sua organização e funcionamento...”

Aquela semente plantada germinou rapidamente e, no dia 14 de outubro, festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens, no Caraça, em Assembleia Extraordinária, foi constituída e empossada uma diretoria provisória da nova Associação. Dessa assembleia participaram o o Padre Francisco Godinho, o

---

**Celebrar 80 anos da AEALAC é reler a história de cada ex-aluno que teve o privilégio de passar pelo Caraça e trazer em si a marca dos valores construídos nos tempos de formação e frutificados vida afora, seja como sacerdote ou em qualquer ramo da sociedade civil em que se tenha estabelecido.**

---



Galaxy A22

Dia 19 de julho de 2025 foi realizada celebração aos 80 anos da AEALAC, em Belo Horizonte, com a presença de alguns associados ex-alunos do Caraça

Padre Antonio Barros e superior do Caraça, os demais padres professores e os ex-alunos e amigos do Caraça Vicente Carsalade, Prof. Antonio de Lara Resende, João Camilo de Almeida, Álvaro Meira, Des. José Satyro da Costa e Silva, Major Duval de Moraes e Barros e outros pioneiros que, com espírito solidário, por quase duas décadas da história do Caraça/Escola, participaram, com recursos financeiros, na manutenção de alunos carentes, bem como na vigilância pontual às instalações da casa, necessitadas de reformas urgentes e modernização de algumas infraestruturas.

#### **O fim da Escola do Caraça e o ressurgimento da Associação**

Após o incêndio, em 1968, que destruiu parte das instalações que abrigavam os alunos, com consequente encerramento das atividades escolares da Escola Apostólica, a trajetória do Caraça modificou-se totalmente, com foco na vocação turística, religiosa e ecológica.

Naturalmente que também a AEALAC sofreria mudança de rumo. Não aconteceriam mais as caravanas anuais dos fundadores da Associação, visitando a Casa

que os abrigou um dia e os atuais mestres e alunos, então beneficiários do trabalho solidário da associação.

Durante alguns anos, a AEALAC ficou praticamente inativa, meio órfã e acéfala. Apenas uma Comissão foi instituída pelo então Provincial da PBCM para gerir a documentação e bens da Associação, mantendo-se possível correspondência com os associados.

Só em 1975, vivendo o Caraça uma nova estrutura e orientação, foi que a AEALAC iniciou, também, nova caminhada, motivada pela própria direção da Província Brasileira da Congregação da Missão.

Em Assembleia Extraordinária, realizada na paróquia São José do Calafate, decidiu-se pela continuidade. A partir de então, sucessivas diretorias da AEALAC empenharam-se em programar atividades e projetos, localizando ex-alunos nas mais variadas regiões

do país, bem como amigos devotados à causa caracense, instituindo-se polos administrativos em Brasília, no Rio de Janeiro e no Vale do Aço, bem como um departamento feminino, com participação eficiente das esposas, filhas e netas de ex-alunos.

Para fomentar a comunicação com os associados,

---

**Os novos Estatutos, aprovados em 1988, mantiveram, como finalidades da Associação, a manutenção dos laços de amizade entre os associados e a gestão de esforços e recursos para a manutenção do patrimônio histórico e cultural do Caraça, colaborando com a direção em tudo o que fosse possível.**

---



**DIA 19 DE JULHO – Sábado**

**Hora: 10:30 ou 10:45h  
11:00 – Missa**

**Após: Recreio com Almoço abodegado  
Local: Rua Bernardo Guimarães, 2703  
Salão de Festas  
Bairro Santo Agostinho**

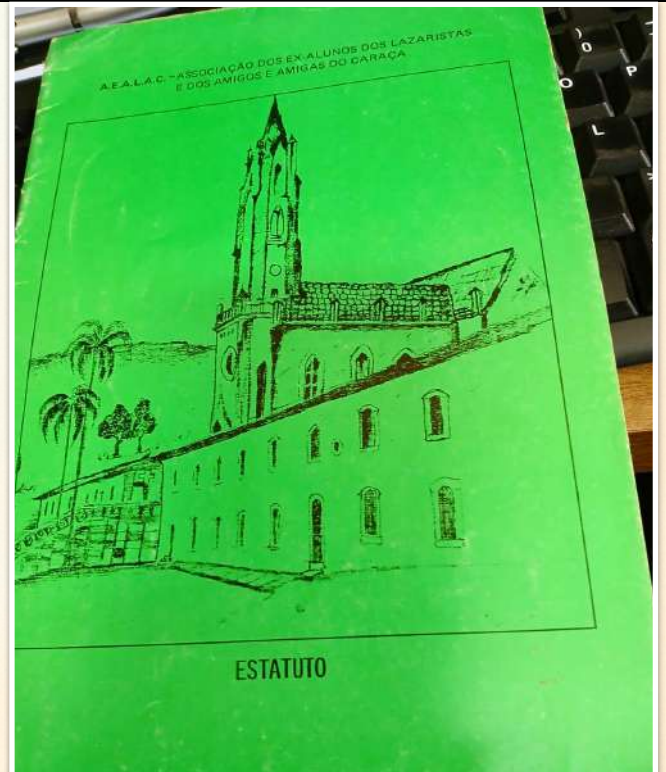
**Confirme a sua presença  
com o Mariano:**

**(31) 98734-0231**

Acima, grupo de ex-alunos do Caraca. Abaixo, capa do estatuto da Associação após a retomada no período pós-incêndio.

criou-se, em 1992, um informativo mensal, O Porta do Céu, veículo de notícias sobre a PBCM, o Caraca e a vida da Associação. As sucessivas edições do Porta do Céu foram sempre aguardadas pelos associados, sobretudo os residentes em regiões mais distantes. Nos últimos tempos, tornaram-se mais raras as edições do informativo, quase que substituídas por imersões em mídias digitais.

Uma missão fundamental das diretorias da AEALAC é a organização de Caravanas anuais ao Santuário do Caraca. Tradicionais nos primeiros tempos da Associação, escassearam-se naturalmente, com o encerramento das atividades escolares no Caraca, retornando a partir da década de 1980. Mais de 50 caravanas já foram realizadas, com participação oscilante numericamente, porém sempre com grande animação e diversificação de atividades. Atualmente, realiza-se a Grande Caravana no mês de outubro, por ocasião da festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens, nossa Madrinha e Padroeira. As caravanas são sempre abrilhantadas pelo Coral Crescere, formado por ex-alunos do seminário de Diamantina, aos quais se juntaram, posteriormente, ex-alunos do Caraca, dos seminários de Mariana e outros convidados. ■



**Parabéns, AEALAC! Ad multos annos!**

Pe. Allan Ferreira,

## Vocação

Entre as crises e a cruz

Como podemos ressignificar os momentos de aridez vocacional, à luz da experiência da cruz, de Jesus?

No último Seminário Vocacional Nacional acontecido em Aparecida/SP, e dentro do contexto da Romaria dos Animadores Vocacionais, um tema chamou atenção: as crises e a sua relação com a cruz. Não é um assunto novo pensar dentro da dimensão da vocação que possa haver crises, mas qual a sua relação com a cruz? Como podemos ressignificar os momentos de aridez vocacional à luz da experiência da cruz de Jesus?

O chamado vocacional comporta uma firme decisão de seguir a Jesus Cristo. Não existe vocação sem uma adesão firme e comprometida com o Mestre de Nazaré. Ele nos chama e vai continuar chamando enquanto não respondermos a esse chamado e, ainda assim, durante a caminhada vocacional nos propõe muitas vezes uma mudança de direção. O chamado de Deus se dá na realidade concreta dos homens e mulheres que se dispõem a ouvir a sua voz. Somos chamados na realidade histórica de cada um e isso, pode ser uma experiência um tanto quanto desafiadora para alguns, pois o chamado desconcerta, mexe com as nossas estruturas e nos tira do comodismo. Talvez por isso ficamos relutantes em dar uma resposta ou fingimos não escutar a voz de Deus que nos chama a seu seguimento.

A vocação não é algo paralelo a história de vida de cada pessoa, pelo batismo somos eleitos e convocados a abraçar uma nova vida em Cristo. A partir desse renascimento se apresenta um caminho que só a pessoa pode percorrer. Em nossa história há uma “teografia”, ou seja, uma escrita de Deus, mas Ele não interfere nos rumos em que decido dar ao enredo da minha história vocacional.

Em Lc 9, 23-24, Jesus revela que um dos critérios para o seu seguimento é “renúncia” e “cruz”, duas palavras que no mundo onde impera o capitalismo, o individualismo e o egocentrismo, parecem ser um absurdo. Como renunciar aos prazeres do consumismo desenfreado? Como renunciar ao desejo de ser feliz seguindo apenas minhas convicções e pensamentos? Como renunciar ao mundo interior no qual resolvi me esconder para não relacionar com os outros que vivem em minha volta? Ou ainda como sair da esfera digital e encarar a realidade que está diante dos meus olhos? Falar de renúncias e vivê-las é um escândalo para a pós-modernidade.

Assumir a cruz de Jesus é um imperativo para uma vocação acertada. Ele mesmo diz: “Quem quiser vir após mim, carregue sua cruz a cada dia e me siga” (Lc 9, 23b). Ir atrás de Jesus é ser discípulo e este escuta a voz do mestre e acolhe os seus ensinamentos. As crises que surgem no contexto vocacional, algumas decorrem pelo fato





Obra do pintor italiano Orazio Gentileschi, datada de 1553, intitulada Carregando a cruz ("Carrying the Cross")

de rejeitarmos a cruz de Cristo ou quando desanimamos quando ela se apresenta a nós. Basta ver a reação de Pedro quando Jesus anuncia pela primeira vez a sua Paixão (cf. Mt 16, 21-23). Por vezes as crises saem da ótica vocacional e são causadas ou alimentadas por um conflito com a instituição. O teólogo José Maria Lisboa, ao estabelecer uma relação entre carisma e instituição afirma que há uma certa tensão (cf. LISBOA, Teologia da Vocação, 1999).

O uso dizer que a crise entre o vocacionado presbítero/consagrado e a instituição é tensa e problemática quando não há diálogo e humanidade entre as partes. Da parte da instituição em perceber que seu membro não é apenas um número ou um objeto, mas uma pessoa composta de sentimentos e que precisa ser respeitada e acolhida, inclusive quando colabora para que o carisma se atualize, apresentando boas ideias a instituição, mas sobretudo, pelo testemunho. E da parte do vocacionado em entender que o chamado implica em ouvir o que a instituição, na qual aderiu livremente, tem a dizer e a propor, considerando as suas potencialidades e virtudes, mas também seus limites e entender que a instituição não começou com o seu ingresso, mas tem uma longa história em que o vocacionado é chamado a colaborar.

As crises em si não são motivos para desistir da voca-

ção ou deixar a instituição. Se bem trabalhadas ajudam a amadurecer um sim que foi dado em um ponto determinado da história pessoal de cada um e que precisa ser atualizado diariamente. Nessa tensão entre a pessoa vocacionada e a instituição, o que deve prevalecer é a unidade, a corresponsabilidade e o amor ao carisma e à Igreja. As cruzes pelo caminho, os obstáculos e as lutas diárias não são maiores que a alegria de pertencer a Cristo e à sua Igreja.

Desse modo, a resposta de amor que damos a nossa vocação se encontra com a promessa do Cristo que diz: "Eis que estou com vocês todos os dias, até o fim dos tempos" (Mt 28, 20b). Ele não abandona os que chamou e caminha conosco todos os dias assumindo o papel de Cirineu, ajudando a carregar as nossas cruzes e aliviando o peso de nossos fardos. São Vicente de Paulo entendeu isso quando afirma: "Se abandonarmos nossa vocação, é de se temer muito que seja a carne ou o diabo que dela nos retire. Queríamos obedecer-lhes? Como foi Deus que nos chamou, não parece ser ele que dela nos retire. Deus não se contradiz." (SV XI, br, 111). Sigamos nosso caminho na confiança de que Deus nos ampara em nossas crises e nos ajuda a redescobrir a cada dia o sentido da nossa consagração. ■

Pe. Luiz Roberto Lemos do Prado, CM

## Caminhando na direção da COP30

Reunião sobre soluções para crise climática mundial, oportunidade para o cuidado com a nossa Casa Comum



A Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, conhecida como COP (Conferência das Partes) é um encontro internacional de grande importância, em que líderes e representantes de diversas nações se reúnem para discutir as ações e compromissos globais no enfrentamento da crise climática. Em 2025, a 30ª edição do encontro acontecerá no Brasil, no estado do Pará, e reunirá representantes de mais de 196 países, o que se configura, sem sombra de dúvidas, uma oportunidade ímpar para a Igreja contribuir no debate pela defesa de nossa Casa Comum.

A Mobilização dos Povos Pela Terra e Pelo Clima, uma articulação da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam) trabalha para que a participação dos povos originários, movimentos e organizações sociais seja ampla, inclusiva e capaz de influenciar decisões que impactam diretamente a vida dessas comunidades, os biomas e ecossistemas dos quais dependem. Diante disso, a Repam criou uma cartilha que tem como objetivo democratizar as informações sobre a COP30, tornando-as acessíveis e compreensíveis para todos.

### Da Rio-92 à COP30: uma trajetória

**1992 (Rio 92):** Também chamada de Cúpula da Terra ou Eco 92, a reunião aproximou líderes mundiais no Rio de Janeiro e resultou em documentos como a Agenda 21, Convenções sobre Biodiversidade (CBD), Mudanças Climáticas (COP) e Desertificação (UNCCD). Foi a primeira vez que a sociedade civil teve participação expressiva, sinalizando a necessidade de envolvimento além dos governos.

**1997 – Protocolo de Quioto:** Derivado da Convenção sobre Mudanças Climáticas da Rio 92, estabeleceu metas obrigatórias sobre a redução de gases de efeito estufa para os países desenvolvidos.

**2012 – Rio+20:** Vinte anos após a Rio-92, foi reafirmado o compromisso com o desenvolvimento sustentável. A Conferência enfrentou dificuldades para definir metas

concretas, mas lançou as bases para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), formalizados em 2015.

**2015 – COP21, Acordo de Paris:** Na 21ª. Edição da Conferência das Partes, 195 países adotaram um novo pacto climático para limitar o aquecimento global a bem abaixo de 2° C, com esforços para manter a elevação em 1,5°C. Também foi estabelecido que cada nação apresentasse suas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs).

**2021 – COP26 – Pacto de Glasgow:** Reunião em Glasgow, na Escócia, para revisar avanços desde o Acordo de Paris. O Artigo 6º, sobre o mercado de carbono global, foi regulamentado, incluindo compromissos históricos como a redução gradual do uso de carvão e subsídios a combustíveis fósseis. Houve a promessa de revisar e fortalecer as NDCs até 2030.

**2025 – COP30:** O principal indicador de sucesso da COP30 está relacionado a que os países membros tenham apresentado, até fevereiro de 2025 Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDC, em inglês), suficientemente ambiciosas, alinhadas com o objetivo de não deixar ultrapassar os 1,5°C de temperatura média da terra. Diferentemente das anteriores, em que o sucesso ou fracasso era medido durante sua própria realização, no caso da COP30, ele precisa ser alcançado antes, durante e depois. É por isso que, a exemplo da COP de Paris, a COP30 é esperada na expectativa de que seja a COP das COPs.

### Igrejas e movimentos sociais rumo à COP30

No encontro Pré-COP Sul, realizado em Santa Catarina, de 17 a 20 de julho de 2025, os Regionais Sul 2 (Paraná), Sul 3 (Rio Grande do Sul) e Sul 4 (Santa Catarina) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em conjunto com suas pastorais, organismos e movimentos sociais, definiram compromissos para o cui-



**A Igreja Católica participa ativamente dos debates em torno da COP30, que acontecerá em Belém, em novembro de 2025, por meio de iniciativas como o movimento "Igreja rumo à COP30" e a atuação da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM).**

movimentos sociais, definiram compromissos para o cuidado com a Casa Comum. As discussões, reflexões, orações, debates, rodas de conversa e cartografias da esperança levaram ao compromisso de ações conjuntas da Igreja, tanto em nível regional quanto na macrorregião, visando qualificar e fortalecer iniciativas existentes e expandir a atuação no campo socioambiental.

Com a COP30 marcada para 2025 em Belém (PA), cresce a necessidade de preparar lideranças que unem fé e ação diante da crise climática. Atento a esse momento histórico, o Movimento Laudato Si' lança mais uma edição do Curso de Animadores Laudato Si', uma formação online e gratuita que capacita católicos do mundo inteiro para defender a vida e cuidar da Casa Comum.

O curso é promovido pelo Movimento Laudato Si' em parceria com o Centro Bíblico Teológico Pastoral para a América Latina e Caribe (Cebitepal/Celam), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Conferência Episcopal Católica em Angola e São Tomé (Ceast). As inscrições já foram abertas e o início das aulas se deu em 21 de agosto de 2025. Para quem deseja unir fé, conhecimento e ação concreta na preparação para a COP30, esta é uma oportunidade única de se tornar agente de transformação.

A Cáritas Brasileira apresenta seu Documento de Posições com propostas concretas voltadas ao governo brasileiro, em preparação para a COP30, que será realizada entre os dias 10 e 21 de novembro de 2025, em Belém (PA). O texto defende que a justiça climática e o protagonismo das comunidades estejam no centro das políticas públicas ambientais. O nome da Cartilha é: "Documento de Posições da Cáritas Brasileira para a COP30: Por uma transição justa, inclusiva, popular e democrática".

Encontro de Conferências e Celam define estratégias de incidência da Igreja na COP30, a conferência sobre o clima: Na manhã de terça-feira, 8 de abril, representantes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dentre eles o secretário-geral da CNBB, dom Ricardo Hoepers, participaram de uma

reunião preparatória para a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), que será realizada em 2025, em Belém (PA). A iniciativa reuniu representantes das Conferências Episcopais da África, Ásia, Oceania e do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM).

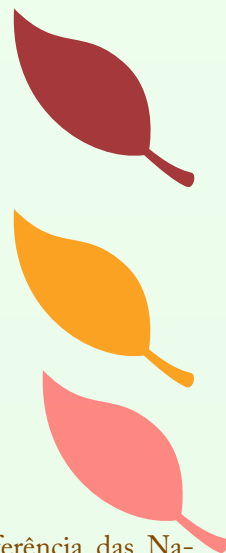
No dia 8 de abril houve um encontro com representantes da Conferência dos Bispos do Brasil teve como objetivo fortalecer os encaminhamentos, definir estratégias de incidência e organizar a logística relacionada à participação da Igreja Católica na COP30, que acontecerá em Belém (PA). A proposta é unir os trabalhos realizados pelas diferentes Conferências Episcopais em torno de uma ação conjunta em favor da ecologia integral e da justiça climática.

### **Laboratório de planejamento da Campanha Laudato Si' + COP30**

No dia 6 de dezembro de 2024, em Brasília (DF), o Grupo de Articulação da Campanha Laudato Si' + COP 30 promoveu o Fórum Laudato Si', com a proposta de finalizar o exercício de Planejamento Estratégico da Campanha para os anos de 2024 e 2025, como um caminho de preparação para a Igreja do Brasil em vista da COP30. A programação integrou um circuito de conferências e trabalhos de grupo que, somados a um processo de escutas realizado com mais de 100 organizações católicas entre setembro e novembro, resultará nas Diretrizes Gerais e na Agenda Colaborativa da Campanha para os anos vindouros.

Em julho de 2025, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) celebrou seu Jubileu de Ouro com a realização do V Congresso Nacional, na cidade de São Luís, Maranhão. De 21 a 25 de julho, a capital maranhense foi palco de um encontro histórico, reunindo agentes da CPT, povos, comunidades e trabalhadores e trabalhadoras do campo, das águas e das florestas de todo o Brasil.

Animados e animadas pelo tema "CPT 50 anos – Presença, Resistência e Profecia" e o lema "Romper



Cercas e Tecer Teias: A Terra a Deus Pertence! (cf. Lv 25)”, agentes da CPT, povos, comunidades e trabalhadores do campo, das águas e das florestas de todo o país, procuraram se encontrar para recordar a caminhada percorrida e projetar a que se apresenta para os próximos anos. Com os desafios, conquistas e aprendizagens, ao longo dessas cinco décadas de vida e luta, a CPT ousa olhar para o futuro, com novos e velhos enfrentamentos que se colocam no caminho à frente.

Com as reflexões propostas a partir do tema e lema do V Congresso, a CPT irá trabalhar sobre a presença da Pastoral ao lado dos povos e comunidades tradicionais do país, colaborando com instrumentos para o fortalecimento do seu protagonismo. Ainda, a resistência insurgente dos povos diante das violências empreendidas pelos capitalistas do campo, levantando um grito de profecia, com a denúncia das injustiças e o anúncio do bem viver nas comunidades. A Pastoral propõe, também, refletir sobre as cercas, velhas e novas, a serem rompidas, e sobre as teias de resistências e possibilidades a serem tecidas coletivamente, rumo à Terra Sem Males. Esse belíssimo encontro produziu uma Carta-Compromisso: carta do V Congresso Nacional da Comissão Pastoral da Terra. Entranhado em todas essas propostas e perspectivas está o compromisso em acompanhar os rumos da COP30.

## Como a Família Vicentina pode se preparar para a importante reunião

Como membros de um grupo bem diversificado – a Família Vicentina – que tem como carisma comum a presença e o Serviço aos mais empobrecidos do nosso tempo, nesta marcha rumo a COP30, podemos ficar mais atentos e participar de eventos ao nosso redor que visam a preparação da mesma, mirando a CNBB, a CRB, a CPT, o CIMI e os vários movimentos sociais e organizações voltadas para o empoderamento dos empobrecidos. Também podemos promover encontros e ações formativas nesta direção, a partir de onde a gente atua pastoralmente.

Sabemos que a busca de ações que visam uma educação integral das pessoas, perpassa indiscutivelmente pela educação ambiental, e isso vem bem ao encontro dos objetivos da COP30. Portanto, caminhemos bem atentos aos objetivos que nos direcionam e à essa preparação que nos envolve diretamente enquanto seres vivos, integrantes desta rede que nos interpela ao máximo cuidado com a Casa Comum.



### Tudo está interligado (Pe. Cireneu Kuhn)

*Tudo está interligado como se fossemos um. Tudo está interligado nesta Casa Comum.*



*O cuidado com as flores do jardim, com as matas, os rios e mananciais. O cuidado com o ar e os biomas, com a terra e com os animais.*

*O cuidado com o ser em gestação, co'as crianças um amor especial. O cuidado com doentes e idosos, pelos pobres, opção preferencial.*

*A luta pelo pão de cada dia, por trabalho, saúde e educação. A luta pra livrar-se do egoísmo e a luta contra toda corrupção.*

*O esforço contra o mal do consumismo, a busca da verdade e do bem. Valer-se do tempo de descanso, da beleza deste mundo e do além.*

*O diálogo na escola e na família, entre povos, culturas, religiões. Os saberes da ciência, da política, da fé, da economia em comunhão.*

*O cuidado pelo eu e pelo tu, pela nossa ecologia integral. O cultivo do amor de São Francisco feito solidariedade universal. ■*



Deus Onipotente, que estais presente em todo o universo e na mais pequenina das vossas criaturas, Vós que envolveis com a vossa ternura tudo o que existe, derramai em nós a força do vosso amor para cuidarmos da vida e da beleza. Inundai-nos de paz, para que vivamos como irmãos e irmãs sem prejudicar ninguém.

Ó Deus dos pobres, ajudai-nos a resgatar os abandonados e esquecidos desta terra que valem tanto aos vossos olhos. Curai a nossa vida, para que protejamos o mundo e não o depredemos, para que semeemos beleza e não poluição nem destruição.

- Tocai os corações daqueles que buscam apenas benefícios à custa dos pobres e da terra. Ensinai-nos a descobrir o valor de cada coisa, a contemplar com encanto, a reconhecer que estamos profundamente unidos com todas as criaturas no nosso caminho para a vossa luz infinita. Obrigado porque estais conosco todos os dias. Sustentai-nos, por favor, na nossa luta pela justiça, o amor e a paz.



\* Marcelo Bastos

## Não convidaram o Açaí...



Imaginem só: a COP 30 em Belém, no coração da Amazônia, e o açaí — símbolo maior da nossa cultura e alimento que atravessou fronteiras — foi cortado do cardápio oficial. Parece piada, mas é tragédia. O mundo vem discutir sustentabilidade e biodiversidade, mas o fruto que representa resistência, economia solidária e identidade amazônica simplesmente não é “convidado”. É como organizar uma festa na França e excluir o vinho, ou na Itália e proibir a pizza.

A justificativa para a exclusão do açaí seria a preocupação com higiene, preparo e logística. Ora, isso é ridículo! Se Belém abastece milhares de pessoas diariamente com segurança, por que não conseguiria servir aos participantes de uma conferência internacional? O que se revela aqui não é apenas descaso, mas a tentativa de higienizar a Amazônia para caber em padrões europeus. Retiram o que é nosso para impor o que eles acham “adequado”.

O açaí não é apenas alimento: é sustento de milhares de famílias ribeirinhas, é símbolo de uma economia que pulsa na beira dos rios, é tradição que passa de geração em geração. Retirá-lo da COP 30 é invisibilizar a realidade de quem vive aqui. É tratar a floresta como palco exótico, mas esconder os atores principais que garantem sua preservação. É política de fachada, um verniz verde que não engana mais ninguém.

A tragédia cômica é perceber que, em plena Amazônia, convidados da COP 30 comerão pratos requentados de hotéis cinco estrelas, enquanto o verdadeiro ouro roxo da floresta é banido. O discurso será sobre inclusão, mas a prática é de exclusão. É uma COP que fala em defender a sociobiodiversidade, mas que não consegue lidar com o cheiro do açaí fresco no prato.

Se o açaí não é “bom o suficiente” para as mesas da COP 30, o que dizer da floresta que o gera? Será que, no fundo, o projeto é mostrar uma Amazônia sem os amazônidas, sem sua cultura, sem sua comida? É

o velho truque colonial: exportam a imagem da floresta, mas rejeitam seus verdadeiros donos e suas formas de viver.

O mais trágico é que essa decisão não foi tomada em mesas de feira, com quem descasca, lava e serve o açaí diariamente. Foi tomada em gabinetes com ar-condicionado, longe das ruas de Belém, longe dos portos e ribeiras, longe da vida real. É o apagamento em nome de uma imagem vendável da Amazônia “limpa”, “bonita” e “turística”.

No fundo, o que vemos é a vergonha de mostrar a Amazônia como ela é. O açaí, com sua textura, sua potência e sua história, é considerado “demais” para os paladares diplomáticos. Não é uma questão de logística: é uma escolha política. Uma escolha que diz muito mais sobre quem organiza a COP do que sobre a comida em si.

Enquanto isso, o povo de Belém, que orgulhosamente serve açaí no almoço, na janta e até no café da manhã, assiste ao espetáculo do absurdo. Os estrangeiros vão sair daqui falando de sustentabilidade, mas sem nunca ter provado a força do alimento que sustenta a Amazônia. Vão voltar para suas casas levando discursos, mas não a experiência real de quem vive aqui.

Se a COP 30 realmente quisesse discutir sustentabilidade, começaria pelo prato. Colocaria o açaí no centro, junto com a farinha, o peixe, o tucupi. Mas não: preferiram um cardápio “internacional”, como se a Amazônia tivesse que se esconder para ser aceita. É a contradição perfeita de um evento que se diz ecológico, mas continua colonizador.

No fim das contas, o açaí foi desconvidado para sua própria festa. O fruto que melhor representa a Amazônia ficou de fora da conferência que deveria celebrá-la. Trágico, cômico e absurdo. O verdadeiro protesto da COP 30 não estará nos discursos oficiais, mas na ausência roxa nas mesas. O açaí, silenciado no cardápio, grita mais alto do que qualquer diplomata. ■

Da redação

# Canonização do Beato Pier Giorgio Frassati



Papa Leão XIV declara santos os jovens leigos Giorgio Frassati e Carlos Acutis, na Praça de São Pedro.

No dia 7 de setembro, o Papa Leão XIV proclamou santo o vicentino Pier Giorgio Frassati, jovem leigo italiano conhecido por sua fé vibrante e pelo engajamento social em favor dos mais pobres. A cerimônia de canonização, realizada na Praça de São Pedro, no Vaticano, também incluiu Carlo Acutis, outro jovem que se tornou símbolo da espiritualidade contemporânea.

Frassati nasceu em 1901, em Turim, numa família burguesa ligada ao jornal *La Stampa*. Desde cedo, uniu uma intensa vida espiritual à ação concreta nas periferias da cidade, ajudando doentes, operários e famílias necessitadas. Engajado na Ação Católica e na Federação Universitária Católica Italiana, rejeitou a vida de privilégios e assumiu como símbolos de sua personalidade frases como: “É preciso viver, não apenas sobreviver” e “para o alto”.

A devoção à Maria Santíssima o fez agregar-se, em maio de 1918, à Congregação Mariana. E o amor aos pobres o conduziu, em 29 de novembro de 1918, à Sociedade São Vicente de Paulo. Junto com seus amigos, foi sempre fiel ao compromisso vicentino de visitar os pobres. O Cristo Eucarístico, que comungava e adorava frequentemente, era o mesmo que encontrava junto aos mais necessitados, quando os visitava.

Sua trajetória foi marcada também por posicionamentos políticos firmes. Filiou-se ao Partido Popular Italiano, mas rompeu quando o movimento começou a se

aproximar do fascismo nascente. Chegou a ser preso em uma manifestação da Juventude Católica em Roma, em 1921, e acabou expulso da Fuci por sua postura antifascista.

Apaixonado por montanhas, artes e a convivência entre amigos, Frassati mantinha, ao mesmo tempo, uma espiritualidade profunda, participando diariamente da Eucaristia e inspirando-se em figuras como Catarina de Sena e Savonarola. Faleceu precocemente, em 1925, vítima de poliomielite, doença que provavelmente contraiu ao ajudar os pobres, nos subúrbios de Turim.

Seu processo de canonização se estendeu por décadas, em parte devido a questões pessoais, como o amor não correspondido por uma jovem, considerado na época um obstáculo à sua beatificação. Em 1990, João Paulo II o declarou beato, chamando-o de “homem das Bem-aventuranças”. 35 anos depois, o Papa Francisco decidiu canonizá-lo, antecipando-se inclusive a algumas etapas burocráticas. A decisão também teve um componente pessoal: o pai do Papa Francisco, Mario Bergoglio, chegou a conhecer e admirar Frassati no Piemonte, antes de migrar para a Argentina.

Com a canonização, Pier Giorgio Frassati é oficialmente reconhecido como modelo de santidade leiga, com data litúrgica a ser celebrada a cada dia 4 de julho. Frassati é um exemplo a ser lembrado por unir fé, compromisso social e resistência cristã diante das injustiças de seu tempo. São Pier Giorgio Frassati, rogai por nós! ■

## Dica de Filme: Apocalipse nos Trópicos

Direção: Petra Costa  
 Lançamento: 2024  
 Disponível na Netflix

Em *Apocalipse nos Trópicos*, a cineasta Petra Costa oferece uma análise audiovisual contundente de como a religião evangélica – em especial suas formas mais conservadoras e fundamentalistas – tornou-se um ator político essencial no Brasil dos últimos anos. O documentário traça um panorama que vai desde manifestações de fé em templos e púlpitos até os bastidores institucionais e os efeitos práticos dessa aliança entre crença e poder.

Logo no início, a diretora revela sua trajetória: oriunda de uma formação laica, ela reconhece que pouco sabia sobre o apocalipse bíblico – os textos de Paulo, João de Patmos, os quatro cavaleiros – embora esses símbolos tivessem se tornado centrais para a linguagem política de boa parte do país. Ao investigar esse cenário, ela volta seus olhos para figuras públicas como o pastor Silas Malafaia, cujos sermões, declarações e comportamentos são mostrados com atenção tanto simbólica quanto prática. O filme mostra Malafaia em diferentes momentos: pregando em culto, confrontando adversários, utilizando redes de poder – mídia, política institucional, influência entre fiéis – para moldar discursos de moral, ameaça ou salvação.

O documentário também recorre a sequências históricas: as manifestações de 2013, o impeachment de Dilma, a ascensão de Jair Bolsonaro, a pandemia da COVID-19, as eleições de 2022 e o ataque aos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023. Essas etapas são usadas por Petra para demonstrar como discursos religiosos – particularmente apocalípticos – passaram a permear eventos políticos e decisões públicas. A produção sugere que há uma linguagem religiosa que legitima autoridades através do medo, do julgamento, da promessa de purificação e de combate ao “mal” – entendido como aquilo que ameaça valores conservadores ou a doutrina religiosa que esses líderes defendem.

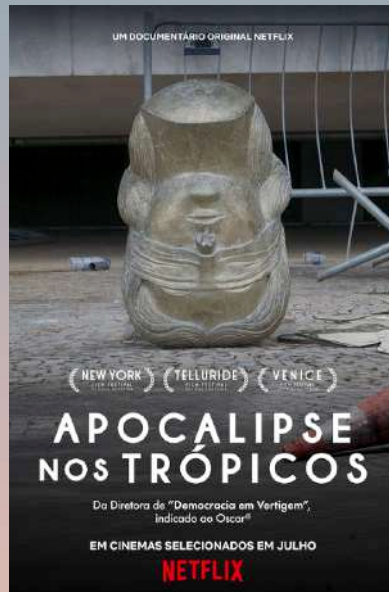
Uma das imagens mais fortes do filme é a de Malafaia dirigindo seu carro, xingando um motoqueiro, usando metáforas bíblicas para justificar sua raiva, invocar autoridade moral. Mais adiante, vemos como esse discurso religioso se entrelaça com política institucional: reuniões com políticos, discursos direcionados à eleição, uso de símbolos religiosos em espaços públicos e até em atos parlamentares.

O documentário argumenta também que a fé não é apenas expressão privada ou espiritual: ela se torna instrumento de mobilização política, legitimidade pública e construção de poder. A ideia da “teologia do domínio”, por exemplo, aparece nas falas de líderes que falam dos “sete montes” – educação, política, cultura etc. – como espaços a serem conquistados para garantir uma ordem moral alinhada com sua leitura da Bíblia.

*Apocalipse nos Trópicos* é um documento visual urgente e provocativo.

Petra Costa consegue revelar uma faceta do Brasil contemporâneo que talvez muitos ignorem: a força politizada da religião, especialmente do evangélico fundamentalista, atuando não apenas como consolo espiritual, mas como motor de ideologias, de polarização, de disputa de poder simbólico e institucional.

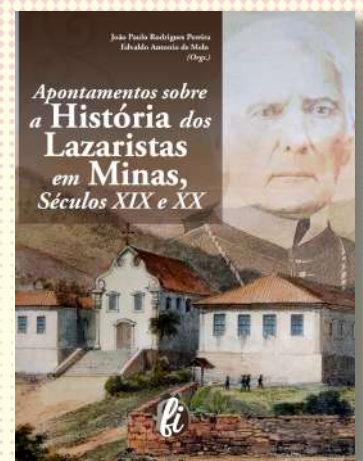
É um alerta sobre os riscos que emergem quando crenças religiosas começam a ditar comportamentos coletivos, moldar discursos públicos e influenciar decisões políticas importantes. É obra recomendável para quem se interessa por política, religião, democracia e para quem deseja compreender melhor esse cruzamento no Brasil dos últimos anos. ■



## Dica de Livro: História dos Lazaristas em Minas

Organizadores: Edvaldo de Melo e João Paulo Pereira  
 Editora: Fi

A obra reúne diversos pesquisadores, em nível de pós-graduação, provenientes de diferentes áreas acadêmicas – como História, Teologia, Filosofia, Educação e Saúde – que, em suas pesquisas, trataram, direta ou indiretamente, das ações lazaristas como objeto de estudo. A primeira parte do livro é composta por oito capítulos, que apresentam estudos sobre a Igreja, o Estado e a trajetória dos lazaristas, considerando a ambiência política e religiosa do Brasil Império, que impactou profundamente as missões desses religiosos em Minas Gerais. A segunda parte, composta por nove capítulos, destaca as atividades educativas dos lazaristas, evidenciando o processo de instalação das instituições de ensino, o rigor moral e disciplinar do modelo educativo adotado, bem como as práticas cotidianas, entendidas como elementos constitutivos de uma cultura educativa específica. ■



### Votos Perpétuos na CM

No dia 17 de agosto, no Santuário da Medalha Milagrosa, na Tijuca, Rio de Janeiro, Cristiano Almeida realizou a emissão dos santos votos de estabilidade, castidade, pobreza e obediência na Congregação da Missão. Diante da comunidade reunida, Cristiano consagrou sua vida ao serviço de Deus e dos irmãos, assumindo com fé e alegria os compromissos que sustentam a vocação vicentina. A celebração foi marcada por emoção, gratidão e esperança, refletindo o testemunho vivo de quem escolhe seguir o Evangelho. Agradecemos por aceitar o chamado!



### Criação de comissão

No mês de agosto, em Araçuaí, foi criada a Comissão Diocesana para a Ação Sociotransformadora, que tem sua identidade relacionada com a mesma Comissão, em nível nacional, e os Padres Luiz Roberto, CM, e Neider Gonçalves, CM, integram esta Comissão, que tem a missão de promover formação permanente para as lideranças pastorais nas cinco regiões da Diocese. Esta dinâmica de formação será iniciada no primeiro semestre de 2026 e a Comissão já apresentou o esquema de formação, que em breve será desenvolvido.

### Formaturas do ISVIP

No mês de julho foram realizadas quatro cerimônias pela formatura de 151 jovens e adultos no programa de Informática São Vicente de Paulo. Em Carinhonha, Sítio do Mato, Serra do Ramalho e Bom Jesus da Lapa. As aulas do segundo semestre iniciaram-se no dia 18 de agosto. Os monitores tiveram acesso a atividades formativas e, Inclusão, com Eunice Pereira, Comunicação, com Sacha Leite e Spephany Oliveira e Atualização de Apostilas, com Marcos e Mário.



MANHÃ DE ORAÇÃO  
DA FAMÍLIA VICENTINA

FESTA REGULAMENTAR DA  
SOCIEDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO

**Tema: "FAMÍLIA VICENTINA  
PEREGRINOS DA ESPERANÇA."**

**28/09  
7H30  
ÀS 12H**

- 7h30 - café da manhã
- 8h30 - Reflexão sobre o tema
- 9h - Festa Regulamentar da SSV
- 10h - Santa Missa
- Visita da réplica da Imagem de São Vicente de Paulo e das relíquias

Colabore com o "Projeto Maria Solidária",  
doando alimentos não perecíveis.

Local: Santuário da Medalha Milagrosa  
End.: Rua Dr. Satamini, 333, Tijuca, Rio de Janeiro.

famvin SSVP Sociedade de São Vicente de Paulo Conselho Metropolitano do Rio de Janeiro-RJ

PEREGRINAÇÃO MISSIONÁRIA  
COM A  
**FAMÍLIA VICENTINA**  
28 SET  
15H CONFISSÕES  
16H SANTA MISSA

**SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM**  
Rua Sergipe, nº 175 - Bairro Funcionários / Belo Horizonte - MG

famvin

Inscrição - Via Google Meet

25 ANIV. SANTUÁRIO DO CARAÇA 1779 - 2024

Manhã de Oração  
Família Vicentina  
Região:  
**Caraça**  
20 de set 2025

"Família Vicentina:  
sinal de  
Esperança no  
mundo"

- 8h30h - Acolhida e café partilhado
- 9h15- Oração e Formação
- 10h30 - Peregrinação jubilar
- 11h - Santa Missa

### Celebrações pelo Dia de São Vicente

As casas e obras da PBCM têm preparado uma série de atividades para celebrar o Dia de São Vicente, comemorado em 27 de setembro. O Santuário do Caraça (cartaz à esquerda) promoverá uma manhã de oração com a Família Vicentina da região do Caraça, com acolhida, café partilhado, oração, formação, peregrinação jubilar e Santa Missa.

A Família Vicentina regional do Rio de Janeiro (cartaz acima, à esquerda) realizará, no dia 28 de setembro, a manhã de oração da Família Vicentina e festa regulamentar da SSV, no Santuário de N. Sra. das Graças da Medalha Milagrosa, na Tijuca.

Já a FV regional de Belo Horizonte (cartaz acima, à direita) fará uma peregrinação missionária com a Família Vicentina ao Santuário Nossa Senhora da Boa Viagem. Às 15h serão atendidas confissões e às 16h, será celebrada a Santa Missa. São Vicente de Paulo, rogai or nós! ■

"Todas as formas de pobreza, sem excluir nenhuma, são um apelo a viver concretamente o Evangelho e a oferecer sinais eficazes de esperança."

- Papa Leão XIV

